

PORTO DAS NAUS PEQUENAS

Sérgio Weber

Resumo: *Trata-se de uma coletânea de dados sobre o desprezado e histórico porto defronte da Vila de São Vicente.*

Abstract: *That work shows several aspects of a little and still despised and historical harbour in front of São Vicente.*

O inquérito histórico instaurado pelo historiador santista Francisco Martins dos Santos desfez o equívoco surgido com relação ao local de ancoragem da esquadra que trouxe Martim Afonso de Souza ao informal povoado de São Vicente em 1532.

O autor, neste mister, pôde deixar clara a existência de dois portos, conhecidos como das Naus, em virtude da função oficial que ambos exerciam junto à ilha de São Vicente.

O ancoradouro das caravelas de grande tonelagem que atravessavam os oceanos se situava entre as ilhas de São Vicente e de Santo Amaro, da Praia do Góis ao Itapema, no então chamado canal de São Vicente, trecho até hoje ocupado pelo porto da cidade de Santos. Neste mesmo local, lançaram ferros as naus da esquadra do fundador oficial da vila de São Vicente, em 1532, tornando-se este conhecido como Porto das Naus.

Um segundo porto, igualmente chamado de porto das naus, não situado na ilha, mas em frente ao povoado calunga, na porção continental denominada como Japuí, foi construído para receber mercadorias mais pesadas, transbordadas das naus. Era, enfim, um recinto alfandegário ligado ao porto.

Este segundo ancoradouro recebia pequenas embarcações como aquelas que eram fabricadas e movimentadas pelos pioneiros como o mestre Cosme Fernandes, o “bacharel”. Suas águas, rasas conforme diversos relatos, nunca permitiram o atracamento de naus de calado, mas apenas de bergantins e sumacas de pequeno porte.

Um dos documentos que a este último se refere é uma escritura passada por Antônio de Oliveira, então capitão-mor de São Vicente, em 25 de maio de

1542, a requerimento de Pero Corrêa, sesmeiro naquele Japuí. Esta faz menção da reserva do local para este ancoradouro “onde ficará um rocio de tiro de arco, assim como foi mandado e ordenado pelo Sr Governador, que fique livre e desembaraçado para quando as naus ali ancorarem..”(Francisco MARTINS DOS SANTOS, *História de Santos*, p 36 I)

Para além deste pequeno porto, se estendiam as terras continentais que eram de Antônio Rodrigues, de Pero Corrêa e de Fernão de Moraes, terras estas que, antes, tinham sido do mestre Cosme Fernandes, onde este exercia suas atividades ligadas ao mar.



Fig. 1 – Vista dos restos de uma coluna de pedra sobre a plataforma diante do Mar Pequeno. (P Naus 01 – SW 1986)

Jerônimo Leitão, em registro de 14 de agosto de 1580, solicitou licença para, nas edificações deste ancoradouro, montar um trapiche para a produção de açúcar e também uma capela. Lá, construiu casa de moenda, de purgar e demais instalações usadas nos engenhos. Não dispendo, certamente, de queda d’água significativa, a moenda operava com tração animal.

Este empreendedor era irmão do fidalgo Domingos Leitão. Foi capitão-mor de São Vicente de 1573 a 1580 e de 1583 a 1592.

Em fevereiro de 1615, uma esquadra holandesa, sob a liderança de Spielbergen e a serviço de comerciantes, desembarca homens armados nas imediações de São Vicente. O engenho de Jerônimo Leitão é incendiado por estes mar-

ginais. Não fora poupada, ao menos, pelos batavos a capela anexa, de Nossa Senhora das Naus.

No século 18, o historiador Frei Gaspar diz serem as referidas ruínas conhecidas como “Trapiche Velho”, (Frei Gaspar da MADRE DE DEUS, *Memórias para a Capitania de S.Vicente...*, p 48 verso, III) sem mais notícias sobre ele.

Vale, neste ponto, transcrever parte da nota feita por Francisco Martins dos Santos, à página 142 da sua História de Santos, volume I:

“... A Igreja de Sta. Maria das Naus, ou Nossa Senhora das Naus (Capela), existia pouco além, na encosta do morro fronteiro, desde 1552, marcando a conversão de Pero Corrêa.

Nos alicerces desta ruína, em pesquisa feita com a nossa presença e a de Frei Thimóteo Van den Brooken (ex-Procurador do Carmo em Santos) há vinte anos aproximadamente, foi achada uma moeda de ouro do reinado de D.Manoel I, que ficou em poder da proprietária daquelas terras. Achado importante, sem dúvida, anulado pela falta de educação e de mentalidade de pessoas do povo, mas, também, pela falta de interesse cultural e tradicional do nossos governos.”

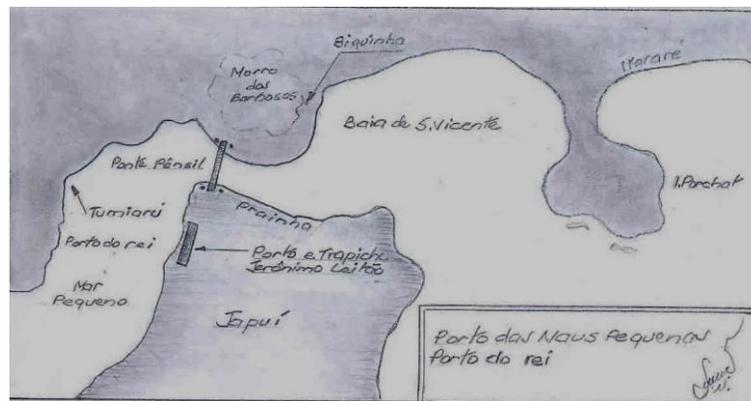


Fig. 2 – Planta de localização das ruínas do ancoradouro e trapiche (P.Naus 15 – SW2011)

Vestígios quinhentistas

Atualmente não são explicitados outros testemunhos arquitetônicos do passado vicentino além destes que são a Casa de Martim Afonso e este Porto das Naus de São Vicente, pois os demais sítios ainda dependem de conclusões que não podem ser precipitadas..

Após cerca de trinta anos do tombamento deste ancoradouro histórico não se concretizaram quaisquer providências para a restauração ou mesmo para a sua conservação.



Fig. 3 – Parte da murada, setor menos agredido, vista da pequena praia, mostrando peças caídas junto ao mar. (P.Naus 02 – SW 1986).

Diversos sítios históricos ou arqueológicos, dentro do estado, têm sido objeto de estudos até estratigráficos, de escavações e peneiramento. Pouco se pôde mencionar destas atividades no local. A *cellula mater* não tem merecido o devido cuidado para com seus restos quinhentistas.

Alcunhado de “porto do rei” por calungas e santistas, foi desta maneira, também, este recanto assim designado por Benedito Calixto em seu mapa litorâneo. Até como “primeira alfândega” foi, equivocadamente, identificado este ancoradouro.

O autor deste artigo, em janeiro de 1986, sensibilizado diante do abandono destas ruínas, coisa rara nos ambientes tidos como modernizados, visitou-as demoradamente, produzindo diapositivos (slides) que foram, posteriormente, convertidos em fotos. Alguma planta baixa das edificações, inclusive da capela mencionada, não foi tida como disponível para se obter uma visão integral de toda a arquitetura.

Na arrebentação local são notados restos caídos da alvenaria que o mar está lavando há séculos, talvez.

Nota-se, pelas amostras caídas em terra, que esta alvenaria, típica das primeiras décadas do país, é totalmente estruturada com granitos em blocos maiores, estabilizados com seixos e lascas bem menores e agregados com argamassa de areia e calcários, unidos, certamente, com azeite de baleia. Nem, ao menos, o material despencado tem sido recolhido para o interior do sítio, como necessário para posteriores restaurações...

O tempo e principalmente o vandalismo de vários matizes vem desmontando seus muros e contornos. Somente o mar tem respeitado este objeto que, agora, já completa seus cerca de 470 anos.



Fig. 4 – Detalhe da murada, diante do mar, que mostra a alvenaria em perfeito estado. (P.Naus 04 – SW1986)

Obras consultadas

GOULART REIS, Nestor. *Os engenhos da Baixada Santista e os do Litoral norte do estado de São Paulo*. In: Revista USP, nº 41, p. 62-73. março/maio 1999.

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar, *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo*. São Paulo: 1954, Martins, vol III, 250 p.

MARTINS DOS SANTOS, Francisco, MARTINS LICHTI, Fernando. *História de Santos :Polianteia Santista*. São Vicente: 1986, Caudex, vol I e II, 389 p.

Mapas

MUNICÍPIOS DE SANTOS E SÃO VICENTE. Santo André: 2008, Bia Mapas-Globos e Papeis. E= 1: 12 000.

NOVÍSSIMA PLANTA DAS CIDADES DE SANTOS, SÃO VICENTE E GUARUJÁ. São Paulo: 1959, Biagio B. Gagliardi. E= 1: 15 000.

O TESOURO DOS MAPAS: A CARTOGRAFIA NA FORMAÇÃO DO BRASIL. São Paulo: 2002, 339 p. Instituto Cultural Banco Santos.



Fig. 5 – Escada faz o acesso à plataforma em meio à vegetação de pressão. (P.Naus SW 1986)

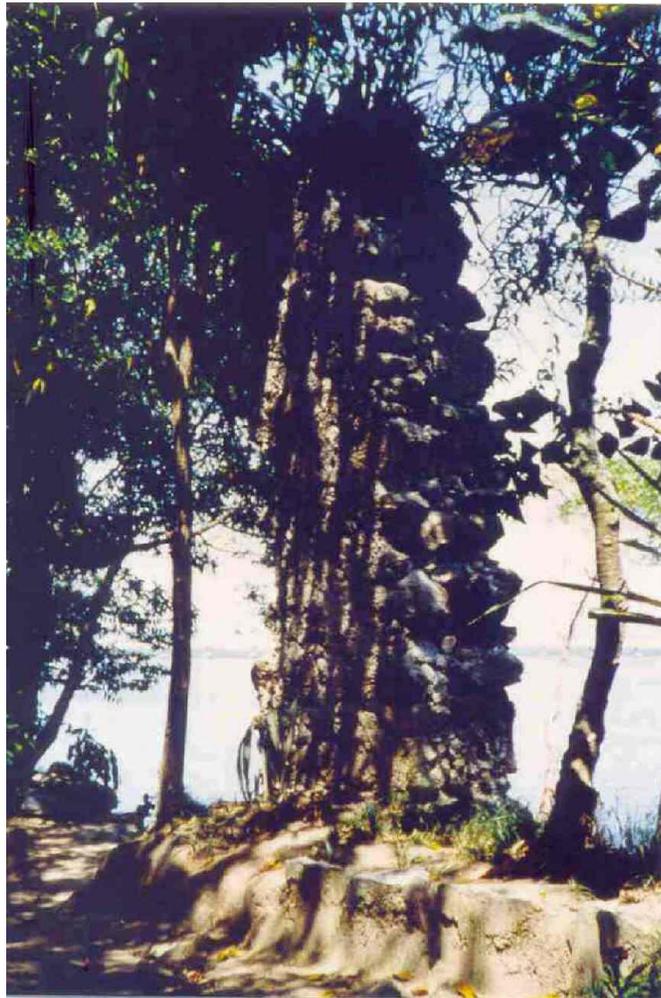


Fig. 6 - Vista de uma das colunas que se apresenta ainda com altura talvez próxima a da original (P.Naus 11 – SW1986)



Fig. 7 – Aspecto da plataforma interna forrada também por vegetação de ajardinamento. (P.Naus 13 – SW1986)



Fig. 8 – Paisagem fronteira do ancoradouro, vendo-se o Mar Pequeno do Porto do Rei., tendo-se, à direita, o Tumiaru. (P.Naus 14 – SW1986)